

LUGARES TEMPOS E MODOS



2021-2022 ANIVERSÁRIO DO CRAMOL

O percurso de quatro décadas do Cramol, na busca das vozes das mulheres rurais, do seu canto, é pretexto para aprofundar o mundo e a humanidade que o sustenta, a raiz de terra que lhe coube, a cultura que lhe deu nome e a sua recriação numa multiplicidade de práticas. O nosso trabalho desde há muito tem sido o de mergulhar na cultura tradicional e de cantar a sua/nossa música. Cantamos o que herdámos, o nosso património comum - um canto que nasce da terra e de quem a revolve, a habita e trabalha. E dela muito espera, consoante o tempo. E assim nasce o canto, melhor dizendo, os muitos cantos que povoam o corpo, o pensamento, desejos e falas das mulheres, forçando limites, tecendo e criando o seu próprio existir. A memória dessas sonoridades que irrompe na contemporaneidade interroga os contextos existenciais e sociais em que emerge abrindo novas possibilidades performativas e de sentido às falas no feminino. A voz e o corpo enquanto poder, o canto enquanto totalidade que liberta, invoca diversas dimensões da experiência humana que importa explorar e debater. É mais um dos modos de celebrar e comemorar a existência do Cramol – grupo de mulheres que ao longo de 40 anos soube aprofundar e saborear este canto que é o nosso, em cada semana do ano, na Biblioteca Operária Oeirense (BOO), associação fundada em 1933.

Com atraso de dois anos devido à pandemia, retomamos os ciclos de debate que iniciámos em 2016/17 com **“Fios que tecem a fala das mulheres”** a que se seguiram as conversas em torno de **“Espantar o mal no corpo e na vida: fala de mulheres e outros cantos”**, em 2018/19 (ambos registados em áudio e vídeo). Para celebrarmos os 40 anos de existência do Cramol em 2019, escolhemos como mote para o debate **“Canto tradicional de mulheres: lugares, tempos e modos”** que, à semelhança dos anteriores, organizamos em conjunto com a BOO e, desta vez, contamos com o apoio da Câmara Municipal de Oeiras. É um ciclo que dedicamos a todas e a todos que forçam os limites históricos e culturais para dar poder à fala, à voz das mulheres.

De um modo muito especial dedicamo-lo à Lídia e à Sãozinha, duas de nós que partiram e cujo canto tão bem souberam tecer com o Cramol.

• CANTO TRADICIONAL DE MULHERES - FESTIVIDADES CÍCLICAS:
TEMPO CIRCULAR E CONTEXTO RITUAL - •

CONVIDADA: Catarina Alves Costa

Dia 05 Maio 2022 | 21H15 | Templo da Poesia (Oeiras)



CANTO TRADICIONAL DE MULHERES

LUGARES TEMPOS E MODOS

• CANTO TRADICIONAL DE MULHERES •
- *Festividades Cíclicas : Tempo Circular
e Contexto Ritual* -

CONVIDADA: CATARINA ALVES COSTA

Dia 05 MAIO 2022 | 21H15 | Templo da Poesia
(Oeiras)

PARTICIPAÇÃO DO CRAMOL

Em Maio (Beira Alta)

Tascadeiras do meu linho (Cancioneiro de
Arouca)

*O cinema documental tem sido uma das formas
mais interessantes de trabalhar a cultura popular
e em especial o tema do canto.*

*O registo do cancionero português fez e faz parte
da história do documentarismo português. Como
realizadora, muitas vezes me coloquei à questão de
“como filmar a música” e muitas vezes ainda tentei
encontrar formas de a inserir no seu contexto de
origem. A partir de uma reflexão sobre a forma
como o cinema tratou o tema das festividades
vamos tratar ideias sobre o tempo circular e con-
texto ritual, a partir de vários exemplos que nos
permitem discutir a importância de hoje olharmos
esse tempo longo e cíclico.*



NOTA BIOGRÁFICA

CATARINA ALVES COSTA é realizadora e antropóloga. Realizou, entre outros filmes, Pedra e Cal (2016) Falamos de António Campos (2010) Nacional 206 (2009) O Arquiteto e a Cidade Velha (2004) Mais Alma (2000), Swagatam (1998) Senhora Aparecida (1994) e recentemente compartilhou a realização de Um Ramadão em Lisboa (2019). Formada em Antropologia Social, fez o Mestrado no Granada Centre for Visual Anthropology da Universidade de Manchester e o Doutoramento na Universidade Nova de Lisboa com a tese Camponeses do Cinema. Representações da Cultura Popular no Cinema Português. Em 2000 fundou, com Catarina Mourão, a produtora Laranja Azul. É Professora Auxiliar da Universidade Nova de Lisboa e Coordenadora do Mestrado em Antropologia – Culturas Visuais e do Laboratório Audiovisual, Pólo FCSH do Centro em Rede em Antropologia / CRIA. Organizou para a Cinemateca / Museu do Cinema os Arquivos Etnográficos de Margot Dias filmados em Moçambique e Angola entre 1958 e 1961. Recebeu entre outros, o Prémio Melhor Documentário do Festival de Filme Etnográfico de Recife (2019), Prémio da Crítica nos Caminhos do Cinema Português (2009).



MUNICÍPIO
OEIRAS



OEIRAS 27
DAMOS FORMA
AO FUTURO